

REPRESENTAÇÃO DO CORPO SUBALTERNO DA MULHER NEGRA EM CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Samea Rafaela Lopes da Silva Diógenes¹
Sebastião Marques Cardoso²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a produção literária afro-brasileira da escritora Conceição Evaristo, com o intuito de fazer uma análise voltada para as questões que envolvam a subalternidade do corpo da mulher negra e os espaços marginalizados que levam à violência e ao sexismo velado. Para tanto, selecionamos como *corpus* desta análise os contos “Duzu-Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”, presentes no livro *Olhos d’água* (2014). Evaristo representa na sua escrita a mulher negra, através de conflitos identitários dos afrodescendentes em busca de um lugar na sociedade que não a exclua e a discrimine. Para subsidiar a nossa investigação tomaremos, sobretudo como referência, os estudos de Spivak (2010), que discute o conceito de subalterno, Bhabha (1998), que apresenta um estudo a respeito do sujeito colonizado e colonizador, na construção do discurso de poder sobre o outro, Said (2007), que elabora uma crítica sobre representação entre cultura e imperialismo, e Hooks (1995), ao abordar o papel da mulher negra na sociedade atual.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, mulher negra, subalternidade.

Representation of the subaltern body of the black woman in short stories of Conceição Evaristo

Abstract : This work aims to analyze the Afro-Brazilian literary production of the writer Conceição Evaristo, with the aim of analyzing issues related to the subalternity of the black woman's body and the marginalized spaces that lead to violence and veiled sexism. For that, we selected as corpus of this analysis the tales "Duzu-Querença" and "Quantos filhos Natalina teve?", member of the book *Olhos d’água* (2014). Evaristo represents in his writing the black woman, through the identitarian conflicts of Afrodescendants in search of a place in the society that does not exclude and to discriminate it. In order to subsidize the work, we shall base ourselves in the light of Spivak's (2010) studies, which discusses the concept of subaltern, Bhabha (1998), which presents a study about the colonized and colonizing subject, with the construction of the discourse of power over another, Said (2007) lecturing on representation between culture and imperialism and Hooks (1995) with a study on the question of the cultural acceptance of the black woman to be seen only as body without mind.

Keywords: Afro-Brazilian literature, black woman, subalternity.

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

² Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

INTRODUÇÃO

(...) em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. (EVARISTO, 2007, p. 10)

Conceição Evaristo nasceu no ano de 1946, sendo natural de Belo Horizonte. Ela é uma escritora afro-brasileira que vem se destacando na literatura contemporânea por apresentar nos seus escritos traços de sua vivência e luta contra a discriminação racial, propõe ainda reflexões acerca dos subalternos e marginalizados que buscam espaço para afirmação em uma sociedade que discrimina e exclui sobretudo o negro.

Estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar pela primeira vez nos *Cadernos Negros*, espaço que reúne publicações de autoria feminina do grupo paulista Quilombhoje. Além disso, a escritora destaca-se no cenário literário com a publicação de contos, romances e poesias. De tal modo, visando o contributo para a história do negro marginalizado e subalterno, propomos neste artigo enfatizar a posição de subalternidade da mulher negra brasileira, que sofre com o racismo e o sexismo velado, que ocorrem por meio de conflitos subjetivos, refletivos através do corpo.

Dando ênfase à epígrafe apresentada na introdução do trabalho, sua escolha justifica-se pelo fato da luta que a mulher negra vem enfrentando para destacar-se na sociedade como mulher intelectual. Verificamos que ainda hoje é fortemente marcado na literatura e sociedade em geral, o preconceito com a escrita da mulher negra, como se elas não fossem capazes de escrever, como se sua cor de pele não a possibilitasse ter tal ocupação.

Entretanto, aos poucos as mulheres negras vêm ganhando espaço no cenário intelectual; Conceição Evaristo é exemplo disso. Logo, escrever é, conforme nos apresenta Evaristo, um ato de “insubordinação” contra a burguesia e o pensamento patriarcal, que guardam ainda as ambiguidades da experiência escravagista do passado.

Neste cenário, a literatura de Evaristo destaca-se e marca posição no contexto da representação cultural brasileira, juntamente com várias escritoras negras que ganham cada vez mais espaço na literatura brasileira. Destacamos, por exemplo, a volta de Carolina Maria de Jesus, através de uma revisão crítica,

bem como as produções literárias das contemporâneas Ana Maria Gonçalves e Miriam Alves.

t.

Conforme nos apresenta Bell Hooks, no seu trabalho intitulado *Intelectuais negras*, “as negras têm sido consideradas só corpo sem mente” (1995, p. 469). Para Hooks, é necessário impedir os discursos de aceitação cultural de que a mulher negra deva ser vista só como corpo ou encarada como empregada doméstica. Nesse sentido, com o intuito de quebrar com tal paradigma, Conceição Evaristo apresenta a partir da sua escrita um discurso que favorece a voz das minorias, a vida no seio de uma comunidade com sonhos, dores e esperanças.

O livro *Olhos d'água* (2014) aborda temas como a violência, o aborto e a prostituição. Na obra, Conceição Evaristo consegue dar voz aos personagens através dos relatos de suas memórias e lembranças, uma memória tanto individual quanto coletiva (de um grupo). Ela apresenta “o íntimo dos humilhados e ofendidos, tomados como seres sensíveis, marcados não apenas pelos traumas da vida lúmpem, mas também por desejos, sonhos, lembranças” (DUARTE, 2008, p. 3). Além disso, o enredo nos possibilita a reflexão sobre a posição da mulher negra, dispersa, desenraizada, aquela “condenada a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou” (FANON, 2008, p. 26).

Para mediar nossa discussão, teremos como aporte teórico o livro *Pode o subalterno falar?* (2010), da crítica e teórica indiana, Gayatri Spivak. A escritora problematiza sobre o lugar do subalterno, aquele cuja voz não pode ser ouvida, contudo, o próprio título da obra apresenta uma pergunta que proporciona ao leitor duplo sentido: Será que o subalterno não pode falar por que não possibilitaram espaço para sua fala?, ou por que o subalterno não tem condições de falar? A escritora apresenta ainda na sua obra outra pergunta que nos faz refletir sobre o valor atribuído a mulher, questionando: “Pode a mulher subalterna falar?” (SPIVAK, 2010, p. 91).

Spivak (2010, p.12) apresenta a concepção de subalterno, em uma situação que é arduamente mais desconfortável no gênero feminino, uma vez que “a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir”.

Diante destas indagações de Spivak, buscaremos respostas para tais perguntas através da análise dos contos “Duzu - Querença” e “Quantos filhos Natalina teve?”. Vislumbraremos através da análise desses contos o quanto a

mulher é subjugada e como o seu corpo carrega marcas da opressão social, sexual e racial.



Em linhas gerais, para subsidiar a análise, apresentamos ainda as abordagens teórica de alguns estudiosos como Bhabha (1998), Said (2007) e Hooks (1995).

Bhabha (1998) apresenta uma discussão a respeito da construção do discurso de poder do outro, a relação entre colonizado e colonizador, relação esta que só é possível compreendermos ao conhecer o *lócus* da enunciação de quem fala. Ora, essa relação entre colonizado/colonizador parece manter-se também no nível do discurso, através das variadas práticas sociais dos indivíduos de sociedades remanescentes da colonização, como ocorre na sociedade brasileira, por exemplo. Nesse sentido, os sujeitos brasileiros guardam, através do local, as mesmas fissuras e contradições das sociedades pós-coloniais.

Vale ressaltar, também, a contribuição de Said (2007). Este discute questões sobre o que ele entende por “orientalismo”, ou seja, como a representação da cultura do outro, elaborada pelo discurso imperial, tornando o “Outro silenciado” (SAID, 2007, p.611). Enfim, Said busca desconstruir alguns pensamentos do conhecimento ocidental sobre o mundo. Já a estudiosa Hooks (1995) encaminha uma discussão acerca do papel da mulher na sociedade, desconstruindo o pensamento cultural da mulher ser vista apenas como corpo e não por sua intelectualidade.

AS LINHAS DE VIOLÊNCIA NO CONTO “DUZU-QUERENÇA”

O conto “Duzu-Querença” apresenta a história de uma mulher negra que saiu da sua cidade natal em busca de um futuro melhor na cidade grande. Duzu era negra, pobre, fora prostituta, antes mesmo de saber o que era prostituição, encerrara seus últimos dias de vida como mendiga.

O conto é narrado em terceira pessoa. Inicia-se com a imagem de Duzu, personagem principal do conto, na porta da igreja, sem ter o que comer, se alimentando de migalhas. Porém, o que a fazia sobreviver eram seus sonhos, se fartava deles como se fossem reais.

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. [...] Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos. Agachou-se quieta. (EVARISTO, 2014, p. 31)

Reside no discurso de Evaristo uma imagem que reflete a condição emblemática da sociedade em que negros não encontram saída para viver, e acabam assim como Duzu, em uma condição de silenciamento, sem “questionar os limites representacionais” (SPIVAK, 2010, p. 15), buscando viver através de sonhos e devaneios. Sujeito mulher subalternizada, jogada à própria sorte, que aos poucos vai entendendo o contexto de exploração que sofrera para ter teto e comida.

Duzu representa a mulher subalterna que está em um espaço marginalizado, propício, sobretudo, à violência, à prostituição e ao racismo. Vale ressaltar que empregamos o termo subalterno levando em consideração o conceito dado por Spivak (2010, p. 12), sendo aquele das “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de ser tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

Duzu representa essa camada mais baixa, que sofre exclusão desde cedo. Ela precisou passar por mudanças devido à falta de recursos da sua família. Quando menina, sofre um processo de “desterritorialização” (DELEUZE; GUATARRI, 1995), uma vez que sai do seu território para viver em outro local totalmente diferente da sua cultura, “quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade ela era menina, bem pequena” (EVARISTO, 2014, p. 32).

O pai sonhava com um futuro melhor para filha, na cidade ela poderia trabalhar e estudar, “Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber” (EVARISTO, 2014, p. 32). Só que mal imaginava o pai que a filha estava sendo encaminhada para um prostíbulo. A menina Duzu foi levada para casa de D. Esmeraldina com o intuito de trabalhar e estudar, porém a senhora explorava a menina nos trabalhos domésticos: “Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos” (EVARISTO, 2014, p. 32).

Esse é o primeiro momento em que podemos notar a exploração do corpo da menina, pois era ela a responsável pelo trabalho pesado na casa; em troca recebia moradia e comida, o que para D. Esmeraldina já era o suficiente. A menina ingênua que não conhecia nada da vida era explorada e era obrigada a se contentar com o pouco que lhe ofereciam.

A menina Duzu, na verdade, não tinha consciência da condição de vida a que era submetida, aceitava tudo sem questionar, no mais absoluto silêncio, sem se impor; ela deveria obedecer D. Esmeraldina a quem o pai responsabilizou os cuidados. Com isso, podemos notar que há na narrativa “a ausência de caráter dialógico na fala do subalterno” (SPIVAK, 2010, p.14), uma vez que Duzu não tem fala, ela não expõe o que sente diante daquela situação. De acordo com Spivak (2010, p.14), observamos que “a fala do subalterno e do colonizado é sempre intermediado por outrem”, a voz de Duzu é nula perante D. Esmeraldina. Ou seja, a situação de Duzu expõe as relações estruturais das sociedades pós-coloniais, imersas ainda numa condição de subalternização hierárquica. E ela, Duzu, é o elemento mais subalternizado de todos nessa arquitetura de poder.

Edward Said, no seu livro *Cultura e imperialismo* (2007), argumenta que “sem nenhuma permissão para narrar, a pessoa sente-se acuada e silenciada” (p. 612), o espaço em que a menina se encontrava não oportunizava sua fala, uma vez que se tratava de uma menina negra, sem raiz fixa, uma errante.

Evaristo, na descrição da narrativa, descortina o modo como a menina negra, humilde e ingênua, distanciada da sua família, sofre e suporta a dor de estar deslocada do seu ambiente cultural. Aos poucos é que ela entende o motivo pelo qual nunca teve contato com os pais e nunca foi encaminhada para escola. Um dia ao entrar em um dos quartos sem bater, ela se depara com uma cena que a surpreende e atíça sua curiosidade.

Duzu ficou confusa: por que aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. Estava engraçado. Estava bonito. Estava bom de olhar. Então resolveu que nem sempre ia bater nas portas dos quartos. Nem sempre ia esperar o pode entrar. Algumas vezes ia entrar-entrando. (EVARISTO, 2014, p. 33)

A menina, aos poucos descobre o porquê de tantos quartos e de tantas mulheres naquela casa. A descoberta a conduz para outro tipo de exploração

corporal, dessa vez a exploração ocorria através do sexo, foi quando ela descobriu que poderia ganhar dinheiro com o corpo.

t.

Entretanto, vale ressaltar que a narrativa deixa claro ao leitor que para ela a prostituição não era algo forçoso, foi um caminho escolhido, a menina descobria e sentia prazer nas curvas negras do seu corpo, “Duzu, não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar” (EVARISTO, 2014, p. 33). Foi o único caminho disponível para aquela menina que vivia em condições subalternas, o que lhe restava era silenciar mais uma vez e explorar o seu corpo para obter dinheiro e prazer.

De acordo com Spivak, esse silenciamento da mulher é decorrente da própria posição que lhe é imposta na sociedade, como se não houvesse outro caminho.

Com respeito à “imagem” da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres, as diferenças de raça e de classe estão incluídas nessa acusação. A historiografia subalterna deve confrontar a impossibilidade de tais gestos. (SPIVAK, 2010, p. 66)

Podemos considerar a violência sofrida através do corpo, neste caso, como uma forma de luta de libertação, diante do sentimento de incapacidade e inferioridade, pois ela não escolheu ser explorada domesticamente nem ao menos ser distanciada dos seus pais. O prazer era um meio de sentir-se livre, não via o sexo como exploração, pelo contrário, naquele momento enxergava apenas como saída daquela vida árdua e resignada que levava na casa de D. Esmeraldina.

Desse modo, resolve seguir a profissão de prostituta, porém ela opta por sair daquela casa na qual continuava sendo explorada e vai morar na zona, “acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. [...] Habitou-se à morte como uma forma de vida” (EVARISTO, 2014, p. 34). Nesta perspectiva, Hooks (1995, p.469) argumenta que a “aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Como símbolo sexual os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental”.

É nas descendências de Duzu que a esperança reside, ela teve nove filhos espalhados pelos morros, mas eram seus três netos os motivos pelos quais

faziam Duzu ter mais desejo pela vida, pois através deles visualizava novas lutas, novos sonhos, novas expectativas de uma sociedade mais igualitária.

t.

Três netos lhe abrandavam os dias, Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido. (EVARISTO, 2014, p. 34)

No domínio da representação da sua imaginação e do seu corpo exaurido por ter sido explorado por muito tempo, como forma de sustento para sua sobrevivência, sofre rememorando a morte do neto, o menino Tático, que morreu prematuramente, sem expectativa, tinha apenas treze anos, “tinha ainda voz e jeito de menino” (EVARISTO, 2014, p. 34).

Duzu padece silenciosamente com sua dor, uma dor que não é só sua, mas de todos da sua descendência que também foram explorados e silenciados. Ela busca revestir seus últimos dias de vida apenas de lembranças que lhes possibilitasse boas recordações. Dessa maneira, projetava no seu imaginário a fantasia de que “possuía asas para voar” (2014, p. 35), não deixaria que ninguém cortasse essas asas, que representava sua liberdade.

Depositava na sua neta Querença o desejo de não desistir dessa luta contra o silenciamento, ampliar os sonhos buscando firma-se em um espaço que pudesse ser ouvida. Com a presença da morte ali ao redor de Duzu, a questão “não é mais sonhar um mundo, mas, sim, vivê-lo” (CARDOSO, 2014, p. 331), sem a presença de Outrem lhe apontando o que deve ser feito, mas sim, sendo dona da sua própria fala.

Duzu projeta, na sua neta Querença, a imagem da nova geração, em que sonhos novos surgirão, com isso, a esperança de um corpo social mais igualitário, de um futuro melhor, capaz de proporcionar ao negro subalterno o fim da violência epistêmica, termo este empregado por Spivak (2010). A violência epistêmica ocorre quando o colonizador/dominador tenta silenciar e neutralizar o Outro, neste caso, o subalterno ou o colonizado.

Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja. [...] Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de

Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias. (EVARISTO, 2014, p. 36-37)

Querença relembra as faces dos ausentes, dos entes familiares que perderam sua vida sem a possibilidade de ser ouvido, lembra do seu primo Tático, mantém viva a lembrança da avó e de todos os seus descendentes. Para Édouard Glissant, “o passado não deve somente ser recomposto de maneira objetiva (ou mesmo subjetiva) pelo historiador. Deve também ser sonhado de maneira profética, para as pessoas, as comunidades e culturas cujo passado, justamente, foi ocultado” (GLISSANT, 2005, p. 102-103), assim a menina segue acreditando que também possuía asas para voar, que continuaria a luta interrompida pelos seus ancestrais, mesmo sabendo que o trajeto seria árduo e imprevisível.

Desse modo, podemos pensar que a escritora, como aponta Bhabha (1998, p.253), “inaugura uma estratégia narrativa para a emergência e negociação daquelas agendas do marginal, da minoria, do subalterno ou do diaspórico, que nos incitam a pensar através - e para além - da teoria”, uma vez que, Evaristo através da personagem Querença instaura o desejo de se pensar para além do olhar do colonizador, incluindo o marginal e o subalterno, nas esferas de comunicação da massa contemporânea, sem preconceito e sem exclusão.

“QUANTOS FILHOS NATALINA TEVE?”: MÃE-MENINA-MULHER

A posição de marginalidade do subalterno atinge mais expressivamente ao gênero feminino, isso pode ser comprovado através da leitura crítica do conto “Quantos filhos Natalina teve?”, em que observamos o quanto o sexismo age ferozmente sobre a mulher negra.

No conto, Evaristo faz o leitor refletir acerca do papel da maternidade exercido por Natalina, que engravida quatro vezes e não exerce o papel de genitora, exceto na sua quarta gravidez, a mais dolorosa aos olhos do leitor, pois é fruto de uma relação violenta, uma gravidez gerada através de um estupro. Entretanto, de forma surpreendente é a gravidez que lhe traz mais felicidade,

pois o filho não tinha marca de ninguém, “talvez nem dela” (EVARISTO, 2014, p.50).

t.

“Quantos filhos Natalina teve?” é narrado em terceira pessoa, apresenta uma mulher negra, pobre e humilde que carrega no corpo marca de dor, amor e ódio. Observamos no conto, o corpo como “terreno social e subjetivamente conflitivo” (GOMES, 2006, p.261), uma vez que Natalina sofre um conflito interior de rejeição do seu corpo perante a maternidade. O conto inicia-se descrevendo a última gravidez de Natalina, a única que ela passou a desejar.

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. [...] As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufado, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio. (EVARISTO, 2014, p. 43)

Notamos, pela descrição acima, como a maternidade é vista de forma repugnante para ela. O conto apresenta um discurso que de certa forma rompe com a imagem que a sociedade tem da mãe “ideal”, descrita como aquela que transfere todo seu amor e carinho para o filho. Com a personagem Natalina acontece de forma diferente, uma vez que para ela os filhos representavam um atraso e a tornava devedora de alguém.

Na primeira gravidez, ela era ainda uma menina quando engravidou do seu primeiro namorado Bilico, com ele descobriu o corpo, “foi com ele que ela descobriu que, apesar de doer um pouco, o seu buraco abria e ali dentro cabia o prazer, cabia a alegria” (EVARISTO, 2014, p. 45). Apesar da sua mãe tentar convencê-la de tirar o filho, por não ter condições de sustentar mais uma criança, a menina de apenas quatorze anos foge de casa ao saber que a mãe pretendia levá-la para realizar um aborto clandestino com a senhora Sá Praxedes, a parteira que “comia criancinhas”.

Natalina apavora-se e resolve ter seu filho em outro lugar, longe da sua família. Entretanto, não tendo condições de ficar com a criança, a entrega para enfermeira que realiza seu parto, sem nenhum melindre, sem ao menos ter a curiosidade de olhar para o rosto do seu filho “a menina-mãe saiu leve e vazia do hospital” (EVARISTO, 2014, p.45).

A segunda gravidez também não foi planejada, porém, dessa vez, era diferente, o pai da criança era seu namorado, conhecido por Tonho, que desejava ser pai e pretendia casar-se com ela, entretanto, o casamento não estava nos planos de Natalina. Sem ressentimentos e arrependimentos, ela rejeita novamente o filho.

Natalina ganhou preocupação nova. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho... (EVARISTO, 2014, p. 46).

Ou seja, ela quebra com o estereótipo imposto pela sociedade de que a mulher sonha com o casamento como forma de emancipar-se, logo, rompe com a construção ideológica de que o gênero feminino deve manter a presença da dominação masculina ao seu lado como forma de completude e segurança. Natalina desejava mais que isso, ela desejava liberdade e casar-se aos seus olhos era uma forma de aprisionamento.

“A terceira gravidez, ela também não queria. Quem quis foi o casal para quem Natalina trabalhava” (EVARISTO, 2014, p.46). Natalina dessa vez engravida por um “ato de caridade”, empresta seu ventre para gerar o filho dos seus patrões, pois a patroa não poderia realizar o sonho de ser mãe, e só ela poderia ajudá-los na realização desse sonho, deitando-se com o seu esposo.

Tudo passava lento, os nove meses de eternidade, os enjoos. O estorvo que ela carregava na barriga fria feliz o homem e a mulher que teriam um filho que sairia dela. Tinha vergonha de si mesma e deles.

Um dia a criança nasceu fraca e bela. Sobreviveu. Os pais choravam aflitos. Natalina quase morreu. Tinha os seios vazios, nenhum vestígio de leite para amamentar o filho da outra. Para o seu próprio alívio foi esquecida pelos dois. (EVARISTO, 2014, p. 48)

Com isso, podemos perceber uma questão que é comumente abordado por Conceição Evaristo, que é a falta de representação materna por mulheres negras. Natalina, até então, não aparenta nenhum sentimento com as crianças que gera no seu ventre, pelo contrário, ela os vê com repúdio, como nove

meses odiosos, resumidos a enjoos, nada mais que isso. Ela, enfim, não indica nenhum remorso ou padecimento por não demonstrar amor pelos filhos que gera no seu ventre.

Neste conto, Conceição Evaristo, de certo modo, traz à tona uma questão que é extinta dos meios de comunicação em massa, como também na literatura brasileira contemporânea, que é o apagamento do papel da maternidade em mulheres negras, que quase sempre só aparecem como aquelas que amamentam os filhos dos brancos. De acordo com Hooks (1995, p. 468) “mais uma vez a presença feminina negra como significada pelo corpo, neste caso a construção de mulher como mãe peito, amamentando e sustentando a vida de outros”. Ou seja, a figura da mulher negra apenas como corpo, sem levar em consideração sua trajetória, sua história, seus desejos e anseios.

Com relação ao conhecimento do corpo como negação, Frantz Fanon afirma que:

O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. [...] Lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal [...]. (FANON, 2008, p.104)

Sendo assim, podemos pensar na dificuldade que Natalina tem em não aceitar a maternidade, tanto pelo fato de que em todas essas situações ela não consegue se encontrar em um espaço e em um tempo que fossem capazes de acolher suas incertezas, dores e vazios, quanto pelo fato também dela nunca ter possuído uma referência de mãe protetora na sua vida.

A quarta gravidez, a mais inesperada e talvez a que aparentemente lhe causaria mais dor e remorso, é a que “não lhe deixava em dívida com pessoa alguma” (EVARISTO, 2014, p. 48). Lembra com muita dificuldade a noite em que homens chegam ao seu barraco perguntando pelo seu irmão, sem obterem resposta, pois ela não possuía nenhum irmão, os homens a levam de mãos amarradas e em certo momento do trajeto descem do carro e a violentam impiedosamente. Percebemos tamanha violência dessa cena até mesmo nas escolhas das palavras feitas por Evaristo.

O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela.

Ela tremia, seu corpo, sua cabeça estavam como se fosse arrebrantar de dor. A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. (EVARISTO, 2014, p. 49-50)

Após o ato de violência corporal, o homem dorme ao seu lado, Natalina vê a arma ao lado do homem e instintivamente reage atirando contra o agressor. Essa ação justifica-se pela violência física e moral sofrida, que se aglutinam com os sentimentos de vergonha, medo e dor.

Decorrente do estupro, a gravidez vem, só que dessa vez aquele filho era só dela, ninguém conhecia sua origem. Pela primeira vez, a gestação lhe proporciona o sentimento de completude e felicidade, sendo capaz de apagar as marcas da violência deixadas no seu corpo. Aquela criança seria bem-vinda, aquele “filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte” (EVARISTO, 2014, p. 50).

Desse modo, o corpo subalterno da mulher negra, apresenta-se de forma dispar, pois Natalina não se coloca no lugar de vítima por ter sido estuprada, pelo contrário, ela vê na dor a possibilidade de renascer e recomeçar uma nova vida, mantendo a tutela do seu corpo sem dívidas com ninguém. A recusa da maternidade neste conto, rompe com toda uma ideologia sociocultural, uma vez que a dialética da violência apresentada nesta narrativa surge como forma de libertação, uma mulher que só assume o papel de genitora quando é do seu desejo, quando a faz sentir-se completa, dona de si, sem necessitar preencher seus vazios com alguém.

De certa forma, podemos considerar que Conceição Evaristo propõe uma reflexão acerca do papel da mãe-negra, com traços distintos do que comumente são apresentados, fazendo-nos refletir quantos filhos da dor não foram gerados de forma traumática por mulheres negras que tiveram os corpos violados, sem punição ao agressor, vivendo nas sombras do medo.

Assim, Natalina teve a oportunidade de vinga-se do agressor e encerrar ali um ciclo da vida para iniciar um novo, apagando todas as marcas das dores, por mais que fosse necessário viver silenciada. Naquele momento, o que interessava, para ela, era parir um filho que seria só seu, “estava feliz e só consigo mesma. [...] aquela criança, Sá Praxedes não ia conseguir comer nunca” (EVARISTO, 2014, p. 50).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura que acabamos de propor sobre a literatura de Conceição Evaristo, procuramos analisar como a mulher negra é subalternizada através do seu corpo, vivendo em espaços marginalizados nos quais a violência, o racismo e o sexismo são predominantes. Com o intuito de responder a pergunta inicial sobre se a mulher subalternada pode ou não falar, a própria escritora Spivak responde a esta pergunta no fim da sua obra, *Pode o subalterno falar?*, afirmando:

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar como um floreio. (SPIVAK, 2010, p. 126)

Diante do exposto, levando em consideração a premissa de Spivak, de que na relação entre colonizado/dominado e colonizador/dominador, a mulher é um ser duplamente subjugado. Podemos comprovar isso através da elaboração de escrita de Conceição Evaristo nos contos apresentados. Observamos nos contos analisados que as mulheres não são ouvidas, não há espaço para exporem seus sonhos, fantasias e desejos.

Dessa maneira, Evaristo vem desconstruir o discurso (neo)colonial, dando vozes a essas mulheres negras e pobres que não se impõem diante da violência racial, social e, principalmente, cultural, vigente na sociedade.

Desse modo, na personagem Natalina, vislumbramos um corpo feminino negro que vivencia sua liberdade a sua maneira, desconstruindo discursos socioculturais; por outro lado, na personagem Duzu, vemos a imagem da menina que descobre seu corpo através da exploração sexual com homens mais velhos. Sem reconhecer ao certo que se tratava de prostituição, Duzu começa a se prostituir não por obrigação, mas por sobrevivência, não havia outra possibilidade de vida, ou era o sexo ou ser escrava doméstica de D. Esmeraldina.

Para Hooks (1995, p. 469) há ainda hoje a insistência cultural das negras serem encaradas como empregadas domésticas, devendo aceitar passivamente esse papel que lhes foi atribuído, talvez seja esse um dos maiores fatores “a impedir que mais negras escolham tornar-se intelectuais”.

Assim, Conceição Evaristo nos apresentou duas mulheres que, através dos seus corpos, contaram a própria história. Apesar de serem mulheres de vivências distintas, elas se assemelham nas lutas que movimentam contra as formas de opressões, expressando e construindo suas interpelações, sonhos e inquietações. Foram corpos femininos negros que guardaram, nas suas curvas, lembranças reprimidas, que necessitaram, depois, ser refletidas e denunciadas, justamente para que esses mesmos corpos deixassem de ser apenas corpos subalternizados.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *Local da cultura*. Belo Horizonte. Editora UFMG.1998.

CARDOSO, Sebastião Marques. *Cosmologia literária da violência: uma leitura sobre a condição pós-colonial africana*. Crítica cultural – Crític, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p.323-333, jul./dez. 2014.

FANON, F. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Trad.: Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, vol. I.

DUARTE, Eduardo de Assis; LOPES, Elisângela. Conceição Evaristo: literatura e identidade. Liteafro. 2008. Disponível em: <http://150.164.100.248/liteafro/data1/autores/43/conceicaocritica01-3.pdf>
Acesso em: 20 de out. 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

EVARISTO, Conceição. Duzu-Querença. In: *Olhos d'água*. 1ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação biblioteca Nacional. 2014.

_____. Quantos filhos Natalina Teve?. In: *Olhos d'água*. 1ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação biblioteca Nacional. 2014.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*; tradução Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. (Coleção Cultura, v.1)

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



HOOKS, Bell. *Intelectuais Negras*. Estudos feministas. Rio de Janeiro. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n, 2, p-464-469, 1995.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 26 de novembro de 2017.

Aprovado em 20 de julho de 2018.